



INTERSECCIONALIDADE EM PRÁTICA: O USO PEDAGÓGICO DO GRUPO FLORES DO QUILOMBO PARA DESNATURALIZAR OPRESSÕES DE GÊNERO E RAÇA NAS AULAS DE ARTE

INTERSECTIONALITY IN PRACTICE: THE PEDAGOGICAL USE OF THE FLORES DO QUILOMBO GROUP TO DENATURALIZE GENDER AND RACE OPPRESSIONS IN ART CLASSES

Hemmerson de Vasconcelos Andrade¹

UFRN

Carolina Chaves Gomes²

UFRN

Resumo: Este trabalho analisa o impacto pedagógico de uma sequência didática em Arte, articulada a uma perspectiva interseccional e decolonial, no enfrentamento do racismo e do sexismo, com foco na realidade da mulher negra. A pesquisa, de natureza qualitativa e quantitativa, e ancorada na metodologia da pesquisa-ação colaborativa, foi desenvolvida com estudantes do 8º ano de uma escola municipal do Rio Grande do Norte. Os dados foram coletados por meio de questionários e da análise de uma questão discursiva da prova bimestral. Os resultados demonstram a eficácia da abordagem, evidenciando a assimilação significativa do conceito de interseccionalidade pelos discentes, que o aplicaram para analisar a ressignificação de uma manifestação cultural pelo Grupo Flores do Quilombo. A aula de campo na comunidade quilombola de Capoeiras mostrou-se fundamental para ampliar o repertório cultural e crítico dos alunos, provocando reflexões sobre machismo e racismo. Conclui-se que a integração entre teoria e experiência vivencial transformou o ensino de arte em uma potente ferramenta para a formação de sujeitos críticos e socialmente engajados.

Palavras-chave: educação; arte-educação; interseccionalidade; violência simbólica; pesquisa-ação; feminismo negro.

Abstract: This paper analyzes the pedagogical impact of a teaching sequence in art, articulated through an intersectional and decolonial perspective, in the context of confronting racism and sexism, with a focus on the experiences of Black women. The research, both qualitative and quantitative in nature and anchored in the collaborative action research methodology, was conducted with 8th-grade students at a municipal school in Rio Grande do

¹ Graduado pelo curso de Licenciatura em Música da UFRN. Especialista em Arte Educação pela UNOPAR. Mestrando bolsista CAPES no programa ProfArtes da UFRN. Professor de Arte da Secretaria de Estado da Educação, da Ciência e Tecnologia da Paraíba na Escola Estadual de Ensino Médio Castro Pinto em Jacaraú/PB. Professor de Arte e de Música da Secretaria de Educação e Cultura do Município de Bom Jesus na Escola Municipal de Ensino Fundamental Alice Garcia Freire. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2712021418741936>.

² Doutora em Música (UFPB), especialista em Psicologia da Saúde (UFRN). Atualmente é professora da Escola de Música da UFRN, no Mestrado ProfArtes, coordena o Laboratório de Práticas em Educação Musical Infantil (LAPEMI), e cursos CIART e Primeiras Notas. Possui experiência na escola básica, formação de professores e ensino de música. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1716956463155805>



Norte. Data was collected through questionnaires and the analysis of an essay question from a bimonthly exam. The results demonstrate the effectiveness of the approach, evidencing the significant assimilation of the concept of intersectionality by the students, who applied it to analyze the redefinition of a cultural manifestation by the Flores do Quilombo Group. The field trip in the quilombola community of Capoeiras proved fundamental in expanding the students' cultural and critical repertoire, provoking reflections on sexism and racism. We conclude that the integration of theory and experiential experience transformed art education into a powerful tool for developing critical and socially engaged individuals.

Keywords: education; art education; intersectionality; symbolic violence; action research; black feminism.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo, que é um recorte de uma pesquisa de mestrado³, investiga as possibilidades pedagógicas do ensino de arte no enfrentamento à interseccionalidade do racismo e do sexismo, com foco na realidade e representação da mulher negra, problematizando o tradicional currículo eurocêntrico da educação artística. O estudo delimita-se à análise do impacto de uma sequência didática aplicada no componente curricular de Arte em duas turmas do 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Alice Garcia Freire, localizada em Bom Jesus/RN, durante o primeiro semestre de 2025. A investigação é guiada pelo seguinte problema: de que maneira o ensino de arte, articulado a uma perspectiva interseccional e decolonial, pode contribuir para a desnaturalização de opressões de gênero e raça e para a formação de um posicionamento crítico nos estudantes? Para respondê-lo, a pesquisa centrou-se em temas como arte afro-brasileira, patrimônio cultural, interseccionalidade e resistência negra feminina, tomando como referência prática a atuação do Grupo Flores do Quilombo, da comunidade quilombola de Capoeiras, em Macaíba/RN.

Para tentar responder esse problema de pesquisa, os objetivos deste estudo são: 1) avaliar a eficácia pedagógica de uma sequência didática que integra teorias interseccionais e a arte como resistência; 2) analisar a compreensão dos estudantes sobre os conceitos de interseccionalidade, machismo e racismo após as intervenções; e 3) mensurar o impacto específico de uma aula de campo na comunidade quilombola de Capoeiras na ampliação do repertório cultural e crítico dos discentes.

³ Trabalho financiando pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).



A justificativa desta reflexão se baseia na necessidade premente de a escola assumir seu papel na desconstrução de violências simbólicas, estruturais, a partir do enfoque interseccional, conforme preconizam teóricas como Akotirene (2019), Carneiro (2003) e Kilomba (2019). A opção por articular a arte-educação com o feminismo negro e a interseccionalidade, portanto, se justifica pela potencialidade dessa ferramenta analítica para revelar as sobreposições de opressões que marcam, especificamente, a experiência da mulher negra.

A reflexão acerca da educação e das práticas artísticas, quando vinculada à luta contra o racismo e o sexismo, exige uma epistemologia que considere os atravessamentos históricos e sociais das desigualdades, sobretudo em países que tiveram o trágico lastro da escravização dos povos africanos em sua estrutura fundante. Nesse sentido, o feminismo negro e a interseccionalidade, aliados ao ensino decolonial da arte e à metodologia da pesquisa-ação colaborativa⁴, oferecem referenciais críticos capazes de sustentar projetos pedagógicos que pretendem transformar realidades, afirmando o papel da escola como espaço de emancipação e de resistência.

Como ponto de partida teórica para esta reflexão, retomemos o pensamento de Carneiro (2003), ao observar a situação da mulher negra na sociedade, quando reflete, em outras palavras, que ao falar de mulheres negras, deve se perguntar antes de tudo, de que mulheres estamos falando? Com isso, a autora denuncia que, na tradição hegemônica dos estudos feministas, as experiências das mulheres negras são frequentemente invisibilizadas, como se o gênero fosse uma categoria homogênea. Essa crítica marca a necessidade de compreender a interseccionalidade de opressões que incidem de forma específica sobre mulheres negras.

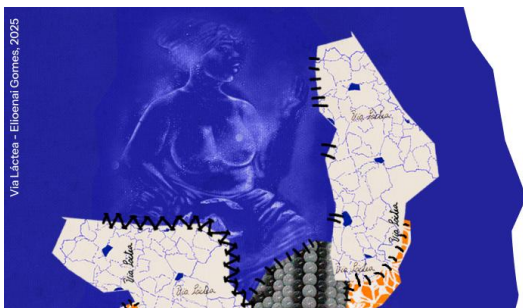
Ancorada nos estudos de pensadoras negras, esta pesquisa adota a interseccionalidade como ferramenta analítica central para compreender a condição da mulher negra em uma sociedade machista e racista. A gênese desse pensamento remonta a Anna Julia Cooper (1892), que em *A Voice from the South* denunciou a marginalização dupla vivida por essas mulheres, argumentando que sua condição só pode ser entendida pela interdependência entre raça e gênero. Posteriormente,

⁴ Metodologia adotada na construção do trabalho de mestrado.



Kimberlé Crenshaw (2002) cunhou o termo "interseccionalidade" para designar esse cruzamento de opressões, que se sobrepõem e se intensificam mutuamente. No contexto latino-americano, Lélia Gonzalez (1984) articula essa mesma percepção, identificando no racismo e no sexismo forças entrelaçadas que produzem efeitos violentos específicos sobre as mulheres negras no Brasil, exigindo, portanto, estratégias de enfrentamento simultâneas nas dimensões racial, de gênero e de classe. Akotirene (2019), referencial principal deste trabalho, avança nessa perspectiva ao definir a interseccionalidade como um instrumento teórico-metodológico para analisar a inseparabilidade estrutural do racismo, do capitalismo e do cisheteropatriarcado. Dessa forma, as opressões são compreendidas não como sistemas autônomos, mas como forças interligadas que estruturam as relações sociais e políticas. Ao incorporar essa concepção, o campo educacional tem o dever de refletir sobre a violência contra as mulheres a partir de uma ótica interseccional, a fim de denunciar e combater eficazmente as múltiplas opressões que atingem grupos minoritários, em especial as mulheres negras.

Ao refletir sobre o papel da escola no combate às opressões interseccionais, é crucial reconhecer que a violência, frequentemente naturalizada, opera de modo sutil e simbólico, conforme conceituado por Pierre Bourdieu (1998) em sua teoria da violência simbólica – um poder invisível que, sem o uso da força física, leva indivíduos e grupos a internalizarem e legitimarem hierarquias sociais injustas. Essa percepção é fundamental para compreender como racismo e sexismo se perpetuam estruturalmente. Grada Kilomba (2019) amplia essa discussão ao afirmar que o racismo atua não apenas de forma explícita, mas também por meio de mecanismos sutis e cotidianos que permeiam a linguagem, a memória e o imaginário coletivo, ressaltando ainda que “as formas de opressão não operam em singularidade; elas se entrecruzam” (KILOMBA, 2019, p. 85). Diante disso, a educação deve problematizar a naturalização dessas opressões, e o ensino da arte emerge como um campo privilegiado por trabalhar diretamente com valores simbólicos e subjetivos, por meio da contextualização, apreciação e produção artística. Essa perspectiva alinha-se às reflexões de Elliot Eisner (2002), para quem a arte ensina a agir “na ausência de regras”, desenvolvendo pensamento qualitativo e sensível, tornando-se, assim, um



espaço de experimentação, crítica e emancipação capaz de desconstruir estruturas simbólicas opressivas. Barbosa e Coutinho (2018) corroboram essa visão, argumentando que a arte-educação deve formar sujeitos críticos e culturalmente conscientes, indo além do domínio técnico para promover o questionamento das desigualdades e o reconhecimento da diversidade cultural. Portanto, compreende-se a arte não apenas como linguagem estética, mas como prática social e política essencial para o enfrentamento das opressões que atingem mulheres negras e outros grupos minoritários.

No plano metodológico do desenvolvimento deste trabalho, a pesquisa-ação colaborativa oferece bases importantes para a construção de práticas pedagógicas desenvolvidas, como será descrita a seguir. Sobre esse aspecto, Thiollent (1986) define essa metodologia como um método de investigação social empírica, que une pesquisadores e participantes afetados por um problema em um esforço colaborativo, visando tanto a geração de conhecimento, quanto a implementação de soluções práticas. Nessa lógica, os sujeitos não são objetos passivos de estudo, mas agentes de transformação de sua própria realidade. Além disso, essa definição enfatiza o caráter político e social da pesquisa-ação, que não se limita à descrição de realidades, mas busca intervir nelas. Então, essa metodologia pressupõe a construção coletiva do processo investigativo, em que as decisões, os problemas prioritários e as soluções emergem da interação entre pesquisadores e a comunidade escolar.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 METODOLOGIA DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Esta análise apresenta uma perspectiva prévia do andamento do 2º ciclo da pesquisa-ação participativa aplicada nos 8º anos A e B, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Alice Garcia Freire. Tais dados foram coletados por meio de dois questionários, complementada pela avaliação das respostas a uma questão discursiva da prova bimestral de Arte. O objetivo central dessa investigação especificamente apresentada neste artigo, dentro do universo de pesquisa do trabalho de mestrado, é avaliar o impacto pedagógico das aulas do componente curricular Arte que ao longo do 1º semestre de 2025 abordaram temas que envolveram arte e patrimônio cultural;



arte afrobrasileira; arte e interseccionalidade; resistência negra feminina por meio da arte; história da comunidade de Capoeiras e do grupo Flores do Quilombo. Tudo isso a partir da perspectiva artística-cultural desses coletivos, com especial ênfase na experiência proporcionada pela sequência didática aplicada em sala de aula, juntamente com a aula de campo na comunidade quilombola de Capoeiras⁵. A análise busca compreender não apenas a absorção de conteúdos conceituais, mas também a transformação na percepção e no posicionamento crítico dos estudantes perante questões sociais urgentes, como a situação da mulher, sobretudo negra, inserida numa sociedade sexista, classista e racista.

A metodologia adotada nesta análise, combina abordagens quantitativas e qualitativas. Para tanto, foram aplicados dois questionários, um misto (QM), que foi aplicado após a aula de campo na comunidade, e o outro fechado (QF) aplicado após a conclusão do 1º semestre. Além disso, houve outra análise feita a partir das respostas selecionadas de 5 estudantes à questão discursiva constante na prova bimestral de Arte. Os dados quantitativos foram extraídos de questionários com perguntas fechadas, presente em QM e QF, que foram tabulados em porcentagens para identificar, quantitativamente, o impacto das temáticas desenvolvidas nas aulas, assim como verificar a eficiência pedagógica das ações. Já a análise qualitativa, focou nas respostas discursivas da prova e nas perguntas abertas presente no QM, utilizando a análise temática para categorizar e interpretar as falas dos alunos. Os eixos de análise foram organizados em três dimensões principais: a compreensão conceitual dos alunos, avaliada por meio da prova; sua percepção sobre opressões de gênero e raça e o papel da arte no combate a essas opressões, medida pelo questionário geral; e o impacto específico da aula de campo na ampliação do repertório cultural e crítico dos discentes.

Para que os estudantes respondessem aos questionários de forma livre, não foi solicitado a identificação destes no formulário dos questionários. Dessa forma, para manter o padrão de anonimato, também foram preservadas as identidades dos estudantes que deram as respostas da questão discursiva da prova. Quanto ao

⁵ Localizada no município de Macaíba a 6,3 Km do município de Bom Jesus, ambos localizados no estado do Rio Grande do Norte.



número de respondentes do QM acerca da aula de campo foram 24. Já do QF acerca do desenvolvimento das aulas, foram 33 estudantes.

Tanto QM quanto QF foram aplicados de forma digital através do google forms, sendo que o primeiro foi disponibilizado nos grupos das duas turmas dos 8ºs anos no whatsapp. Já para a aplicação do segundo, como se queria alcançar o máximo de respondentes possível, foi aplicado em sala de aula, e para tanto, foi solicitado aos alunos que trouxessem os celulares e dessa forma cada aluno deu uma resposta.

2.2 ANÁLISE QUALITATIVA DA QUESTÃO DISCURSIVA DA PROVA

A questão discursiva da prova, pedia que os alunos explicassem como o Grupo Flores do Quilombo transformou o significado cultural do Pau Furado, de uma prática exclusivamente masculina para um ato de resistência feminina, e relacionassem essa transformação com o conceito de interseccionalidade. As respostas selecionadas dos discentes, revelaram um entendimento notavelmente matizado e crítico. O Aluno 1, por exemplo, citou a dança como "instrumento de denúncia" e espaço de discussão sobre direitos das mulheres negras, indicando que captou a dimensão política da manifestação cultural. Já o Aluno 2 foi além, ao destacar não apenas a inclusão das mulheres na dança, mas também a luta por direitos, relacionando explicitamente a interseccionalidade à sobreposição de opressões de gênero e raça. Essa percepção de que as identidades e opressões se intersectam foi um ponto em comum em várias respostas.

O Aluno 3 abordou a criação do grupo como resistência direta ao machismo e ao racismo, reconhecendo a interseccionalidade como a soma dessas opressões. Embora a terminologia não tenha sido sempre precisa, a ideia central esteve presente. O Aluno 4 trouxe uma camada adicional de crítica social, associando a mudança promovida pelo grupo ao feminismo negro e questionando a inação estatal perante a violência contra mulheres negras e pobres. Essa resposta demonstra que o aluno não apenas compreendeu o conceito, mas também o aplicou a um contexto social, mostrando capacidade de expansão conceitual e cognitiva assim como de perceber, criticamente outras estruturas sociais. Por fim, o Aluno 5 explicitou a valorização da identidade quilombola e feminina, citando gênero, raça e exclusão cultural como eixos



interseccionais, enfatizando o uso da dança como instrumento de empoderamento e afirmação cultural.

Em síntese, a análise qualitativa das respostas selecionadas, revela que esses discentes captaram a dimensão política e transformadora da ação do grupo Flores do Quilombo. A maioria conseguiu articular claramente como a tradição foi ressignificada e citou exemplos concretos, como a inclusão das mulheres na dança e o uso da arte para denúncia das opressões vividas por diferentes mulheres, além de ser uma ferramenta de empoderamento feminino negro. Quase todos mencionaram a interseccionalidade, ainda que com diferentes níveis de profundidade, mostrando que o conceito foi assimilado de forma significativa. A arte foi consistentemente reconhecida não como mera expressão estética, mas como ferramenta social, e, portanto, política, de conscientização, resistência e mudança social.

2.3 IMPACTO DA AULA DE CAMPO COM O GRUPO FLORES DO QUILOMBO

O questionário misto, aplicado aos alunos que participaram da aula de campo em Capoeiras, permite uma análise mais focada do impacto dessa experiência pedagógica. O perfil dos respondentes já é revelador: 100% dos respondentes não moram em Capoeiras ou em qualquer comunidade quilombola. Isso destaca o valor da atividade em expandir horizontes culturais para estudantes externos àquela realidade, promovendo empatia e quebra de estereótipos sobre comunidades tradicionais. Para apreciação sintética dessa análise, segue abaixo a tabela 1.

Tabela 1: Síntese dos dados sobre o impacto da aula de campo em Capoeiras.

Variável	Respostas (%)	Interpretação
Conhecimento prévio sobre o Grupo Flores do Quilombo.	87,5% Não conheciam.	Atividade cumpriu papel de divulgação cultural do grupo Flores do Quilombo.
Importância do grupo para a comunidade.	66,7% "Muito grande"; 25% "Grande"	91,7% de avaliações positivas. Essa quase unanimidade de avaliações positivas, reflete o reconhecimento, por parte dos estudantes, do grupo como um pilar cultural e político fundamental para sua comunidade.
Reflexão sobre machismo provocada.	83,3% refletiram "Muito"; 12,5% refletiram "Um pouco".	95,8% tiveram consciência aguçada. Isso revela, entre outros aspectos, o potencial de atividades culturais, como as promovidas pelo grupo Flores do Quilombo, que quando são bem conduzidas, funcionam como catalisadoras de pensamento crítico sobre questões de gênero.



Capacidade da ação em mudar visões sobre mulher negra.	66,7% "Sim, todas"; 33,3% "Sim, algumas".	100% de respostas positivas. Esse consenso sobre a capacidade que a arte e a cultura engajada têm de sensibilizar e, dessa forma, transformar uma parcela da sociedade, é notável e ecoa as respostas da prova discursiva.
Intenção de compartilhar aprendizado.	99% "Sim".	Impacto extrapola os muros da escola.

Fonte: Do autor.

As respostas à pergunta aberta “Como você acham que o grupo Flores do Quilombo pode ajudar a combater o machismo?” foram ricas e diversificadas, e podem ser categorizadas em cinco eixos temáticos principais. O primeiro eixo é a Arte como ferramenta de expressão e resistência, com alunos citando que o grupo pode ajudar “mostrando sua arte”, “através da dança e da música” e “denunciando abusos”. O segundo eixo é o Empoderamento e Representatividade, com respostas que destacam as mulheres do grupo como “independentes, guerreiras e muito fortes”, servindo de exemplo e inspirando outras mulheres a “conhecer e espalhar” a causa. O terceiro eixo é a Educação e Conscientização, com sugestões de que o grupo poderia realizar “palestras, apresentações” e promover “educação sobre igualdade de gênero”. O quarto eixo identificado foi Acolhimento e Rede de Apoio, com alunos percebendo o grupo como um espaço onde “mulheres possam compartilhar experiências” e onde “ninguém deixa ninguém na mão”. Por fim, o quinto eixo, Envolvimento Comunitário, trouxe uma perspectiva mais ampla, como a sugestão de “convidar homens da comunidade pra participarem das conversas”, entendendo que “o combate ao machismo não é só das mulheres, é da comunidade inteira”.

Essas respostas demonstram que os alunos internalizaram uma visão complexa e multifacetada do combate ao machismo, indo muito além de uma noção simplista de confronto. Eles percebem a importância da arte, da educação, do apoio mútuo, da representatividade e do engajamento coletivo. Uma resposta em particular sintetiza bem esse espírito, a partir de um bordão que reflete que “lugar da mulher é onde ela quiser”. A aula de campo, portanto, não apenas transmitir conceitos, mas também cumpriu com o seu objetivo de aprofundar os conhecimentos acerca do grupo



Flores do Quilombo, assim como o contexto sociocultural da comunidade de Capoeiras, para formar cidadãos mais críticos e conscientes de seu papel no combate ao racismo, machismo e classismo.

Imagem 1 – Aula de campo na comunidade de Capoeiras.



Fonte: Do autor.

2.4 PERCEPÇÃO SOBRE OPRESSÕES E O PAPEL DA ARTE

Os resultados quantitativos do questionário aplicado a todas as turmas do 8º ano, oferecem reflexões sobre como os alunos percebem as opressões contra mulheres e avaliam o papel das aulas de Arte em seu entendimento e capacidade de ação. Para apresentar os dados de forma sintética, segue abaixo a tabela 2, com a exposição e interpretação dos dados coletados.

Tabela 2: Percepção geral sobre opressões e papel da arte.

Variável	Respostas (%)	Interpretação
Frequência de percepção de opressões contra mulheres.	24,2% "Sempre"; 21,2% "Frequentemente"; 42,4% "Às vezes".	87,8% reconhecem ocorrência regular demonstrando uma certa sensibilidade para essa problemática social.
Aulas ajudaram a entender importância da arte no combate.	93,9% "Sim".	Esse resultado é um indicativo da eficácia da abordagem pedagógica adotada. Ele sugere que a integração entre conteúdo teórico, discussões críticas, exemplos práticos de artistas e movimentos que utilizam a arte como ferramenta de resistência, alinhados ao estudo do grupo Flores do Quilombo enquanto referencial artístico-cultural, e propostas de produções artísticas em sala de aula, ressoou positivamente com os estudantes.



Sentem-se aptos a usar arte para conscientizar.	78,8% "Sim"; 18,2% "Talvez".	Maioria ganhou confiança para aplicar conhecimento.
Aplicabilidade do aprendizado (escala 1-5)	48,5% nota 5; 39,4% nota 4	87,9% consideram aprendizado aplicável à realidade fora da sala de aula.

Fonte: Do autor.

No geral, esses dados quantitativos pintam um quadro muito positivo: os alunos não apenas entenderam os conceitos, mas também os consideraram relevantes e úteis para interpretar e intervir no mundo ao seu redor, sobretudo em questões interseccionais de gênero, raça e classe, ligadas às mulheres negras.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise integrada dos dados quantitativos e qualitativos permite concluir, de forma segura, que as aulas de Arte do 1º semestre, e particularmente a aula de campo com o Grupo Flores do Quilombo, foram bem-sucedidas em atingir seus objetivos pedagógicos. Os alunos não apenas assimilaram conceitos complexos como interseccionalidade, mas também demonstraram uma capacidade notável de relacioná-los a contextos sociais reais, aplicá-los em sua análise do mundo e manifestar a intenção de agir como multiplicadores desse conhecimento.

A combinação de conceitos teóricos em sala de aula, com a experiência prática e emocional carregada da aula de campo, mostrou ser uma estratégia pedagógica eficaz. Ela permitiu que conceitos abstratos ganhassem vida, através do contato direto com agentes culturais que vivem na prática aquilo que é discutido na teoria. O resultado foi um aprendizado profundo, significativo e transformador, como atestam as respostas críticas na prova, as altas porcentagens de percepção da aplicabilidade do conhecimento e as reflexões matizadas sobre machismo, racismo e o papel da arte no combate a interseccionalidade de opressões contra mulheres negras.

Em última análise, os dados revelam um processo educativo que vai além da transmissão de conteúdo. Eles mostram a formação de sujeitos críticos, empáticos e socialmente engajados, que reconhecem na arte não apenas um ornamento, mas uma



ferramenta vital para a leitura do mundo e para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Em síntese, este estudo corrobora a hipótese central de que o ensino de arte, quando articulado a referenciais teóricos interseccionais e a experiências culturais de coletivos como o Flores do Quilombo, transcende sua função tradicional. Ele se consolida como uma ferramenta valiosa para a formação de sujeitos críticos, empáticos e socialmente engajados, capazes de ler o mundo através de uma lente mais complexa e socialmente justa, sendo, dessa maneira, capaz de intervir nele. O projeto do Grupo Flores do Quilombo serviu não apenas como objeto de estudo, mas como prova viva de que a arte é, de fato, um espaço vital de resistência, denúncia e emancipação.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen, 2019.
- BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. *Concepções formativas em arte-educação*. São Paulo: Cortez, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- CARNEIRO, Sueli. "Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero". *Estudos Avançados*, v. 17, n. 49, p. 119-132, 2003.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. In: HENNING, Carlos; ROSENO, Camila; RIOS, Flávia (orgs.). *Feminismo negro: uma introdução*. São Paulo: Pólen, 2002. p. 171-180.
- EISNER, Elliot. *Educação e a arte de aprender das artes*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. *Revista Ciências Sociais Hoje*, p. 223-244, 1984.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1986.